

Não haveria luz se não fosse a escuridão. Notas sobre a trajetória de uma professora primária em um Grupo Escolar no interior de Sergipe

Cristiane Tavares Fonseca de Moraes Nunes

Resumo: Podemos atribuir à “história de vida”, como um *puzzle* que acabou de ser finalizado. Este expediente que se constitui em importante fonte de informação sobre a prática profissional docente. A trajetória de vida profissional de uma professora primária, servirá de subsídio para as reflexões sobre o modo como a educação era concebida à época. A professora instituiu sozinha e por iniciativa própria, a merenda escolar e a educação de adultos em Santa Luzia do Itanhy, interior de Sergipe, onde foi professora e diretora do Grupo Escolar Comendador Calazans entre 1955 a 1976. Foi líder, ativista política em um tempo de limitações no papel social da mulher. O passado é evocado pela memória de atores que através das lembranças nos fazem compreender as práticas escolares pelas ações no cotidiano escolar, possibilitando verificar iniciativas pioneiras, como a busca de contribuições da população para a merenda e o fardamento escolar. Sob a luz de candeeiros e velas a professora Eunice Pereira da Fonseca promove a educação de adultos, contribuindo na região com o Movimento Paulo Freire nas aulas radiofônicas, levando literalmente luz onde a escuridão sempre impossibilitou que os olhos estivessem abertos para novas possibilidades.

Palavras-chave: Historiografia; História de Vida; História da Educação; Grupo Escolar.

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo descoberto no caminhar da disciplina Historiografia Educacional Sergipana é uma leitura fascinante da trajetória de uma professora primária do Estado de Sergipe, que dirigiu durante trinta anos um grupo escolar no interior do Estado. Adentrar no seu universo é imaginar um tempo que ficou muito distante, lá atrás, silenciado, e que ecoa agora pelas vozes do passado. Na série de entrevistas abertas com a professora estudada¹, uma frase em particular chama muita atenção: “*disse ao meu marido: não podemos ter muitos filhos, pois resolvi ser professora e minha missão é cuidar dos filhos dos outros*”. Há várias observações nessa frase. Simboliza um tempo em que a educação era sim papel da escola, sem muito debate sobre a participação da família, como presenciamos nos dias atuais. Até porque, cabe lembrar, que a população era constituída pela maioria de analfabetos. Assim, a família transferia mesmo para a escola a função de educar os filhos. Em muitos momentos, no próprio relato da professora, é possível identificar que as mães entregavam a educação a ela, para que agisse como mãe também na educação daquelas crianças, podendo inclusive atribuir-lhes castigos físicos, como era relativamente comum nessa época.

¹ Professora primária do Estado de Sergipe, Eunice Pereira da Fonseca.

Portanto, ouvir essas vozes do silêncio ou retirar a mordaza que o tempo sobrepõem às vidas modificadas pela falta da atividade profissional é buscar nestes antepassados os vestígios de uma prática e de uma cultura escolar como um desafio posto.

Por isso, imaginamos que ninguém melhor do que a própria protagonista para falar do que viveu e experienciou. O passado é evocado pela memória e pela história. Contudo, apesar da matéria-prima comum, é a compreensão oposta a mais difundida entre muitos estudiosos, na perspectiva de que memória e história não se confundem, pois a história começaria justamente onde a memória acabaria e a memória acabaria quando não tem mais como suporte um grupo, por conta do contexto social. Assim, a memória é sempre vivida, física ou afetivamente. No instante em que o grupo desaparece, a única forma de salvar as lembranças, é fazer o seu registro, visto que os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem.

A memória é história viva e vivida e permanece no tempo, renovando-se. A história viva é, portanto, o lugar da permanência e nela o desaparecimento das criações grupais é somente uma aparência. A memória, na perspectiva de Halbwachs, é a possibilidade de re colocação das situações escondidas que habitam na sociedade profunda, na sensibilidade (HALBWACHS, 1990).

Tal subjetividade enfatiza que:

“A nova história da educação promove uma ampliação sem precedentes da noção de fonte e de objeto trazendo à pesquisa educacional aspectos antes descuidados pela historiografia como arquitetura da escola, regras e normas de conduta, rituais escolares, tipos e modos de dar aula, postura e comportamento docente, mobiliário e materiais didáticos, distribuição das atividades, relacionamento entre alunos e professores, festas e lazeres escolares, atitudes de conformação e rebeldia discente, enfim, a história dos lugares, das pessoas, dos saberes e dos fazeres que envolvem o ato de ensinar e aprender” (GRAÇA, 2002)

Todos estes aspectos devem ser considerados não apenas nas instâncias oficiais de produção cultural, mas também em relação aos usos e costumes que caracterizam a sociedade examinada pelo historiador. São práticas culturais não apenas a escrita de um livro, uma determina técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens convivem e brigam, se alimentam ou se relacionam, ouvem e se calam, enfim, o modo de vida dessas pessoas.

Ao tentar perceber a cultura que era estabelecida na época, é importante considerar algumas influências que estavam presentes, visto que cabe compreender que,

No entanto, se os Grupos Escolares tiveram uma importância singular na construção simbólica da escola primária brasileira e na produção da história da infância no Brasil, não é certo dizer que sua influência foi única no período que se estendeu até os anos 1970. (VIDAL, 2006).

Compreende-se, assim a cultura escolar, como tudo que envolve os saberes, as condutas e as práticas usadas para transmissão desses saberes dentro da escola. Este universo revela traços importantes da vida escolar e todo o seu “em torno”, numa contextualização que vai além dos portões das instituições e atinge a sociedade em seus aspectos sócio-político-econômicos.

No Brasil as diferentes acepções da cultura escolar têm propiciado a produção de vários trabalhos em História da Educação, demarcando apropriações que se concentram em torno de três perspectivas: saberes, conhecimentos e currículos; espaço, tempos e instituições escolares e materialidade escolar e métodos de ensino (FARIA FILHO, et al., 2004, p.10)

Souza (2000, p.11) nos coloca que, além das fontes documentais tradicionalmente utilizadas para a História da Educação, um conjunto diversificado e significativo de fontes pode ser empregado no estudo da cultura escolar, isto é, documentos produzidos pelos órgãos da administração do ensino para serem utilizados pelas escolas (relatórios, anuários, periódicos educacionais, orientações didáticas, manuais escolares, programas de ensino, despachos, entre outros) e documentos produzidos pelos agentes educacionais como diários, semanários, cadernos e trabalhos de alunos, provas, livros didáticos, fotografias, depoimentos orais, entre outros.

Essas considerações revelam que, para se aproximar ao máximo do cotidiano escolar, os pesquisadores precisam realizar um levantamento minucioso e organizado das fontes, que podem ser encontradas nos arquivos tradicionais, mas principalmente, em arquivos pessoais, nos guardados de ex-alunos e profissionais da instituição. Não é demais falar em seriedade, comprometimento e persistência para conseguir se estabelecer uma relação de confiança entre o pesquisador e o “guardião” de tão preciosas fontes.

Frago e Escolano (1998), em seu estudo sobre espaço escolar, esclarecem que o espaço constituído para uma determinada instituição também diz muito sobre a cultura escolar, que a arquitetura não é algo inerte, mas impõe sua materialidade a uma determinada aprendizagem. Ou seja, os autores enfatizam que

A escola é espaço e lugar. Algo físico, material, mas também uma construção cultural que gera fluxos energéticos.(...) Com isso, quero dizer, mais uma vez que o espaço educa. (FRAGO; ESCOLANO, 1998, p.77)

As inter-relações formadas em seu em torno podem demonstrar que as instituições escolares tanto se apresentam em seu aspecto formal, de disciplinas, normas e currículos, como também em suas características informais, mais de grande importância na definição de sua própria cultura. Demonstrem, também, as relações de poder estabelecidas em seu interior.

Nesse espaço,

Os grupos escolares deram à formação cívica importância fundamental. A partir da implantação do Grupo Escolar Modelo e ao longo de toda a primeira metade do século XX foram muitas as iniciativas dos governos que objetivaram criar condições para que os grupos escolares priorizassem a formação cívica dos seus alunos. Livros de leituras morais, sempre com a preocupação de fixar valores relativos ao cumprimento do dever, ao culto da responsabilidade, do amor, do bem, da solidariedade, do respeito às leis, dos valores morais. (NASCIMENTO, p. 162, 2006)

No estudo iniciado, percebemos de fato, que as comemorações cívicas eram muito prestigiadas na cidade, contando sempre na escola com a presença das autoridades do Município, a exemplo do próprio prefeito e também de representantes da instrução pública do Estado. Isso está presente em todo o material pesquisado denominado “boletim de ocorrência” onde eram descritas as práticas na escola, bem como as atividades, reuniões pedagógicas e festividades.

A atuação da professora Eunice é presente em iniciativas de pedir na feira e nas casas da redondeza, alimentos para que pudesse fazer a merenda escolar. Também está presente a sua ação na fabricação do fardamento escolar, onde a mesma solicitava aos usineiros da região o tecido para que pudessem, ela e as mães, fazer a farda das crianças. Outra prática foi a educação de adultos viabilizada pelas aulas radiofônicas do Movimento Paulo Freire através de uma ação da igreja católica via radio cultura.

Naquela comunidade, a atuação do professor era como a de um farol a iluminar os caminhos, caminhos estes muitas vezes envoltos em total escuridão.

Referências Bibliográficas

CHARTIER, Roger. **A História Cultural** - entre práticas e representações, Lisboa: DIFEL, 1990.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. “**Vestidas de Azul e Branco**” um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação/NPGED, 2003.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSAWN, Eric J. **Sobre Historia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LOPES, Eliane Martha Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. RJ: DP&A Editora, 2001.

MENDONÇA, José Antonio Nunes. **A Educação em Sergipe**. Aracaju: Livraria Regina, 1958.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do; VASCONCELOS, José Geraldo. **História da Educação no Nordeste Brasileiro**. UFC Edições: Fortaleza, 2006.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia Educacional Sergipana: Uma Crítica aos Estudos de História da Educação**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2003.

Nóvoa, A. (1992). **Os Professores e as Histórias da sua Vida**. In A. Nóvoa (ed.), *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 11-30

NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

SANTOS, Fábio Alves dos. **Olhares de Clio sobre o universo educacional**. Um estudo das monografias sobre educação do Departamento de História da FS – 1996-2002. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, 2003.

VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

VIDAL, Diana G.; FARIA FILHO, Luciano M. **História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970)**. Revista Brasileira de História, v. 23, n. 45, 2003, p. 37-70.